



Economia Criativa Feminina: Uma análise da gastronomia e artesanato nas cidades de Botumirim e Grão Mogol

Andressa Aquino (andressaantunesaquino@hotmail.com)¹, Koichi Shibuya (koichishibuya2004@gmail.com)¹, Lara Santos (ribeirolara013@gmail.com)¹, Lorrany Veloso (lorranyveloso@gmail.com)¹, Marquelize Alcântara (marquelizegaia@gmail.com)¹, Sthefane Ribeiro (Sthefaned863@gmail.com)¹, Cledinaldo Dias (cledinaldo.dias@unimontes.br)²

¹Acadêmicos do curso de Administração da Unimontes

²Professor do Departamento de Ciências da Administração da Unimontes

Introdução: a economia criativa representa um tema recente e em processo de consolidação, o que faz com que ainda não exista um consenso absoluto sobre a sua definição e categorização na literatura (Canedo, 2019; Dias e Lima, 2021). Apesar das divergências conceituais, autores fundamentais como Leitão (2013) e Reis (2012) consolidam esse conceito ao definir a economia criativa como um sistema de criação, produção e distribuição baseado no capital intelectual, na criatividade e no valor simbólico. Para Reis (2012), a economia criativa, ainda, é o conjunto de atividades econômicas que têm na criatividade e no talento individual sua principal matéria-prima, gerando não apenas riqueza financeira, mas também inclusão social e diversidade cultural. Complementando essa visão, a FIRJAN (2025) categoriza a indústria criativa em quatro áreas: Consumo (Design, Moda, Arquitetura e Publicidade), Cultura (Patrimônio, Artes, Música e Artes Cênicas), Mídia (Editorial e Audiovisual) e Tecnologia (P&D e Software). O presente estudo foca no segmento da cultura, especificamente nas atividades de artesanato e gastronomia, que utilizam saberes tradicionais e potencialidades locais como insumos primários. Trata-se de um modelo em constante evolução, baseado em ativos criativos que geram desenvolvimento econômico e, ao mesmo tempo, promovem a inclusão social, o desenvolvimento humano e a preservação da diversidade cultural (UNCTAD, 2010). Para enriquecer essa percepção teórica e observar sua aplicação prática, este estudo busca analisar o papel das mulheres “fazedoras de cultura” nos municípios de Grão Mogol e Botumirim discutindo como essas práticas contribuem para a preservação da identidade cultural e impulsionam o desenvolvimento econômico local a partir das atividades de gastronomia e artesanato. Este trabalho torna-se relevante não apenas por enriquecer a visão acadêmica sobre a economia criativa, mas, sobretudo, por dar visibilidade aos municípios estudados e ao protagonismo feminino na estruturação dessa economia, reforçando e salvaguardando a cultura e o patrimônio imaterial da região. **Método:** trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, onde inicialmente, realizou-se uma revisão bibliográfica para embasar os conceitos estruturais do estudo e a construção da análise. Para coleta de dados foi utilizado um roteiro de entrevistas aplicado a 19 mulheres (10 em Botumirim e 9 em Grão Mogol) com idade entre 35 e 72 anos e predominante casadas e com filhos. Após transcritas, o texto das entrevistas deu origem ao *corpus* da pesquisa que foi analisado por meio da técnica de Análise dos Núcleos de Sentido (ANS), proposta por Mendes (2007). Essa técnica agrupa o conteúdo manifesto e oculto dos textos a partir de temas que formam um núcleo de sentido. O processo analítico seguiu as etapas de leitura flutuante, identificação e nomeação de temas recorrentes, finalizando com o agrupamento dos temas em categorias empíricas,

MOSTRA CIENTÍFICA ADMINISTRAÇÃO

27 a 29 de maio 2026

*Conectando evidências, pessoas e
ideias para transformar realidades.*



respeitando rigidamente os critérios de exaustão, pertinência, exclusividade, homogeneidade e recorrência postulados por Bardin (1977). A aplicação do método resultou na estruturação de cinco categorias de análise: Categoria 1: “Passado de geração em geração” (Preservação do Patrimônio Imaterial e Identidade); Categoria 2: “O dinheiro circula aqui mesmo” (Desenvolvimento Econômico e Potencial Criativo); Categoria 3: “O pessoal mais novo não quer” (Desafios à Manutenção e Continuidade); Categoria 4: “Fazer por amor e resistência” (Estratégias de Enfrentamento e Subjetividade Feminina) e Categoria 5: “Não tem ajuda... mas a gente gosta muito e tem paixão” (A Dualidade dos Apoios Institucionais - Desamparo versus Amor ao Ofício).

Resultados e discussão: como resultados parciais, o estudo encontra-se na fase de sistematização dos dados coletados junto às mulheres “fazedoras de cultura” dos municípios de Grão Mogol e Botumirim. Parcialmente, identifica-se que a primeira categoria, intitulada “Passado de geração em geração” evidencia que os saberes gastronômicos e artesanais são transmitidos hereditariamente, sendo um pilar da identidade local. Graça afirma: “Tudo que eu faço, eu aprendi com minha mãe. Foi o ofício dela que passou para mim”. Em Grão Mogol, Rosa relata que a tradição do biscoito “tareco” carrega um valor afetivo: “Eu via minha mãe, ela era quitandeira também... eu faço ele ainda do tipo que minha mãe fazia... sigo a mesma tradição”. Esse aprendizado doméstico é o que mantém viva a memória coletiva das cidades. A segunda categoria intitulada “O dinheiro circula aqui mesmo” mostra que os depoimentos consolidam o artesanato e a gastronomia como fontes essenciais de renda que fortalecem a microeconomia local. Rosa destaca: “Tudo que eu compro é aqui na... Dentro da cidade mesmo. Ajuda e muito”. Luzia corrobora essa visão: “Eu compro aqui mesmo, dos pequenos produtores... eu acredito que ajuda muito”. Essa dinâmica garante que o capital permaneça e circule no próprio município, promovendo o desenvolvimento sustentável. A terceira categoria, “O pessoal mais novo não quer” trás que a despeito da relevância econômica, há uma ameaça real à continuidade desses saberes. As entrevistadas expressam preocupação com o desinteresse dos jovens. Em Botumirim, Graça relatou que “os mais novos perderam um pouco a referência do passado... foram substituindo esses eventos por outras coisas, não se importando mais com aquela cultura”. Rosa também nota essa ruptura geracional na mudança dos ritmos das festas tradicionais e na menor participação das novas gerações em Grão Mogol. A quarta categoria, “Fazer por amor e resistência”, agrupa a subjetividade e a resiliência feminina. Mesmo diante de dificuldades financeiras ou físicas, as mulheres encontram no ofício uma razão de viver. Cláudia expressa: “Uma coisa que você gosta... você faz com amor. E aí, a gente se apaixona e nunca quer parar”. Ada reforça: “Eu faço por prazer... além de você vender, essa renda vem para ajudar, mas não é só isso”. Edna sintetiza esse sentimento ao dizer que “cada peça que eu crio... é como se tivesse nascendo um filho”. Por fim, a quinta categoria, “Não tem ajuda... mas a gente gosta muito e tem paixão” revela o desamparo institucional. Muitas mulheres trabalham de forma isolada, sem apoio governamental ou associativo. Lúcia afirma categoricamente sobre a existência de associações: “Não, não existe. Associação não tem nenhuma”. Rosa reforça: “Tem [associação] não. E seria bom se tivesse”. Graça também destaca que “não tem [apoio] ainda não... Geralmente a gente faz em casa mesmo”. A ausência de políticas públicas força essas mulheres a dependerem exclusivamente do esforço próprio e da divulgação boca a boca para sobreviverem. Nos próximos passos da pesquisa, essas cinco dimensões categorizadas serão submetidas a uma análise interpretativa, cruzando os achados empíricos com os aportes teóricos da economia criativa, a fim de concluir de que forma a resistência feminina tem sido o grande alicerce para a manutenção do patrimônio imaterial da Cordilheira do Espinhaço. **Conclusão:** em uma



conclusão prévia, observou-se que enquanto o ofício dessas mulheres movimenta a microeconomia local e preserva a identidade histórica transmitida de geração em geração, ele sobrevive sob constante ameaça devido ao desinteresse das novas gerações e à ausência de políticas públicas e de apoio institucional. Assim, a perpetuação dessa cultura não se sustenta por incentivos estruturais, mas sim pela resiliência, necessidade de sobrevivência e pelo amor incondicional dessas mulheres à sua arte, configurando o fazer cultural regional como um verdadeiro ato de resistência feminina.

Palavras-chave: Economia Criativa. Protagonismo Feminino. Resistência Cultural. Artesanato. Gastronomia.

Agradecimentos:

Os autores agradecem ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio financeiro e incentivo à pesquisa científica.

Referências:

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70. 1977

CANEDO, D. P.. **Gestão cultural e economia criativa**. Gestão Cultural/ Antonio Albino Canelas Rubim, organizador. Salvador, 2019.

DIAS, J. M. N.; LIMA, A. C. C. **Indústria criativa no Brasil: mapeamento de aglomerações produtivas potenciais e sua contribuição para o desenvolvimento local**. Economia e sociedade, v.30, n.3, p. 1069-1093. Campinas, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3533.2021v30n3art12>.

FIRJAN. Mapeamento da Indústria Criativa no Brasil. Rio de Janeiro: FIRJAN, 2025. Disponível em: <https://observatorio.firjan.com.br/inteligencia-competitiva/mapeamento-da-industria-criativa-2025>.

LEITÃO, C. S. **Criatividade e emancipação nas comunidades-rede: contribuições para uma economia criativa brasileira**. São Paulo: Escrituras, 2013.

MENDES, A. M. (2007). **Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais**. In: MENDES, A. M. (Org). **Psicodinâmica do trabalho: teoria, método e pesquisas**. São Paulo: Casa do Psicólogo. p. 49-59, 2007.

REIS, A. C. F.. **Cidades Criativas: da teoria à prática**. São Paulo: SESI, 2012.

UNCTAD - United Nations Conference on Trade and Development. **Creative economy report 2010: creative economy: a feasible development option**. Genebra: UNCTAD, 2010. Disponível em: http://unctad.org/en/Docs/ditctab20103_en.pdf.